

NAS BANCAS



Por que o CD está com os dias contados

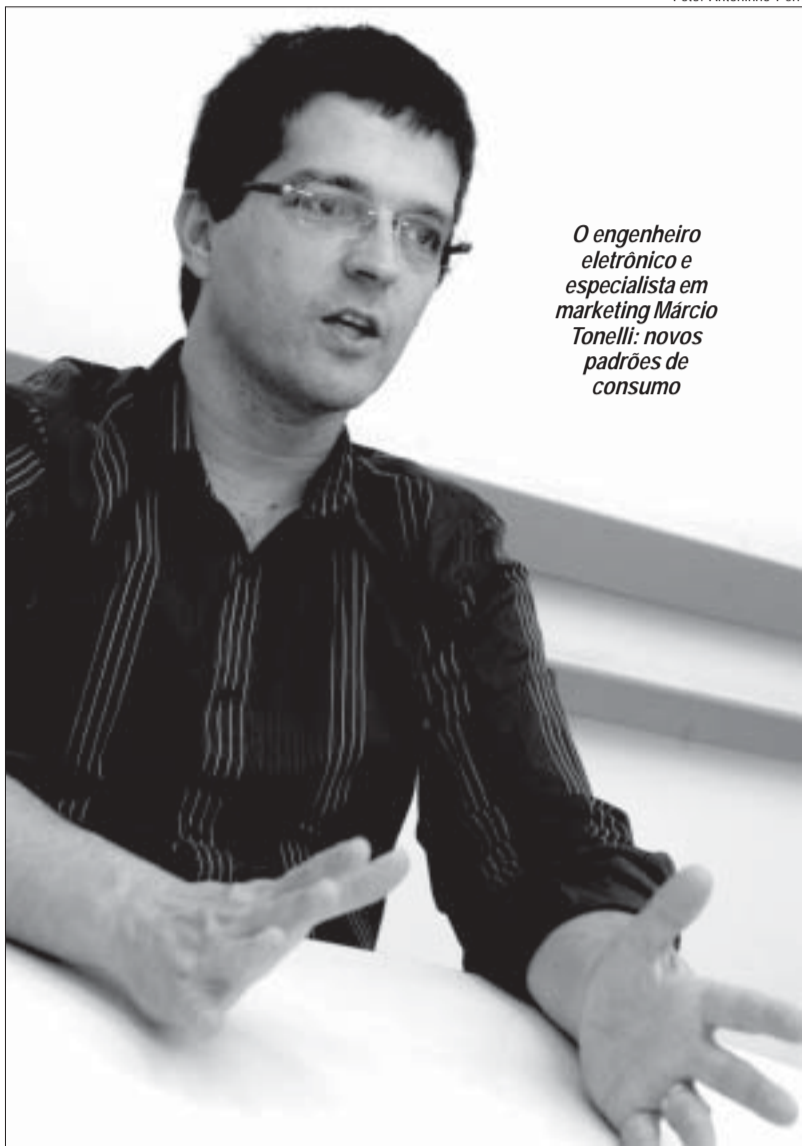
RAQUEL DO CARMO SANTOS

kel@unicamp.br

O avanço da microinformática e das redes de telecomunicações a partir dos anos 1980 causou um forte impacto no mercado de música, particularmente na comercialização de CDs. Passada a euforia inicial das gravadoras, quando as pessoas trocavam suas coleções de vinil pela nova mídia, observa-se hoje uma situação de estagnação e crise. O tempo passou, as tecnologias se popularizaram e o público mudou seu comportamento de consumo.

Na opinião do engenheiro eletrônico e especialista em marketing Márcio Tonelli, o CD, ao menos na forma como é consumido, está com os dias contados. "Não é um decreto de falência, como muitos defendem, mas acredito que este tipo de mídia não atende mais as exigências desta geração. Vai ser um mercado de nicho", prevê.

Para Tonelli, as gravadoras precisarão encontrar um novo caminho, pois a realidade do mercado não possibilita mais a venda de CDs como fonte principal de renda. Na opinião do especialista, o mercado tradicional perdeu o poder de controle e de distribuição musical. Hoje, muitos programas facilitam o *download* de músicas e, embora o cenário de música esteja em alta, incluindo-se a venda de DVDs e os



O engenheiro eletrônico e especialista em marketing Márcio Tonelli: novos padrões de consumo

Foto: Antoninho Perri

shows, a comercialização de CD está cada vez mais em baixa.

"A garotada e mesmo os adultos não possuem uma relação sentimental com o CD, como acontecia por exemplo, no século passado, com os discos de vinil", explica Tonelli. Ele afirma que é natural "baixar" uma música dos programas disponíveis ou comprar faixas específicas para ouvir em IPods, MP3 players ou nos computadores. Outra questão é o atrativo das experiências inusitadas proporcionadas por shows.

Este panorama do cenário musical foi retratado pelo engenheiro em sua dissertação de mestrado apresentada no Instituto de Artes (IA), sob orientação do professor José Eduardo Paiva. No trabalho, Tonelli prevê, num futuro próximo, a reconfiguração do CDs. Em sua opinião, os produtos serão lançados como opção para um público específico.

"Acredito que 90% da população irá adquirir arquivos de músicas ao invés de comprar um CD. É muito mais prático", prevê Tonelli, que possui 1,6 mil CDs, mais de 300 títulos em vinil e um problema sério de espaço para acomodar o acervo. Para ele, o mercado atenderá um público específico, que poderá ser formado por colecionadores, por exemplo. Quadro parecido com o que ocorre em relação ao vinil, em que uma parcela muito pequena da população insiste em guardar de recordação.

Aplicativo - O trabalho de Márcio Tonelli inclui ainda o desenvolvi-

mento de um aplicativo on-line para criação de ringtones (toque para celulares). Denominado *MobiDJ*, o aplicativo será acessado através do site de uma operadora de celular. A proposta é que o usuário do site crie sua própria música e descarregue no celular. "Não há algo do gênero no Brasil. As músicas são produzidas integralmente pelo usuário, que poderá ou não tornar disponível para o público em geral", esclarece.

A produção de conteúdo na internet por parte do usuário está cada vez maior. Por isso, o engenheiro eletrônico que se especializou em desenvolver vídeos e games para computadores, fez um recorte para a música. O programa funciona como se fosse um estúdio digital em que o usuário tem a liberdade de criar uma melodia, mesmo sem conhecimento musical aprofundado.

Quando o autor da música descarrega o ringtone no celular, é debitado o valor correspondente em sua conta. A idéia de Tonelli seria tornar disponível a melodia inédita para que os interessados também pudessem realizar o *download*. O problema é que este tipo de ação eliminaria os direitos autorais, uma vez que o *MobiDJ* prioriza a democratização da produção musical. Mesmo assim, o engenheiro acredita no compartilhamento de informações como algo característico da internet. "A tecnologia permite uma produção independente, livre, anárquica e rebelde", avalia.

Pesquisa detecta a presença de metais tóxicos em águas de chuva

As águas de chuva que lavam as superfícies do solo carregam inúmeros poluentes que podem contaminar rios ou lagoas, dependendo do local onde ocorre o escoamento. Uma pesquisa realizada na Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo em parceria com Grupo de Química Ambiental da Universidade Federal do Paraná (UFPR), constatou quantidades consideráveis de metais potencialmente tóxicos, como zinco, cobre, chumbo e cádmio, nas águas de escoamento urbano. As análises foram feitas pela engenheira Patrícia Barcelos Pusch, sob orientação dos professores José Roberto Guimarães, da Unicamp, e Marco Tadeu Grassi, da UFPR.

"Destaco no trabalho a importância de uma maior atenção por parte da população e das autoridades com relação a este tipo de poluição, denominada fonte difusa, que demanda análises complexas e de difícil detecção", defende Patrícia, que também simulou algumas medidas práticas para minimizar a problemática.

No estudo, a pesquisadora tomou como base material coletado a partir da lavagem com água de chuva de superfícies de paredes e telhas, e também de óleos lubrificantes de automóveis e resíduos dos desgastes de pneus e freios que ficam depositados no asfalto.

Esses materiais, segundo Patrícia, são considerados como fonte substancial de contaminantes para as águas de escoamento urbano. No entanto, poucos estudos são realizados para entender a extensão do problema. "Pesquisas realizadas no Grupo de Química Ambiental da UFPR já apontavam a existência de concentrações de metais nas águas de escoamento urbano, mas não se sabia quais materiais e as quantidades individuais de cada um deles", esclarece.

Uma das concentrações relevantes foi a de cádmio. Foi encontrado o equivalente a 0,26 kg ao ano, sendo que 39% desta carga era proveniente dos materiais construtivos. "Em termos de contaminação, posso adiantar que se trata de um dos metais, dentre os estudados, que pode causar maiores efeitos de toxicidade", explica Patrícia.

Pelos resultados, o cobre constituiu 13,9 kg por ano, sendo que 48% desta carga vem dos freios de automóveis, principalmente do desgaste das pastilhas de freio. A maior fonte de chumbo foram os materiais de construção e a deposição atmosférica úmida. No caso do zinco, a carga foi bastante significativa - igual a 682 kg por ano, sendo que 62% deste valor tem origem na deposição atmosférica úmida.

No estudo, Patrícia simulou algumas medidas práticas que poderiam diminuir o nível de concentrações dos metais observados nos resultados. Um exemplo seria a redução dos teores de cobre nas pastilhas de freio. Outra proposta seria a redução do chumbo na produção das tintas. Aumentar as áreas verdes seria ainda uma alternativa viável. Se aplicadas, estas medidas reduziram em 10% os níveis de cádmio, 33% de cobre e 23% de chumbo e zinco nas águas de escoamento urbano.

O peso da doença. Para pais e filhos

De repente, surge o diagnóstico de um filho com asma ou alguma outra doença crônica, como fibrose cística. A rotina do lar, dificilmente, não sofre uma drástica mudança. Como, então, são encarados os relacionamentos e o cuidado com o paciente? Como a criança encara a realidade de ser portadora de uma doença que provavelmente carregará para o resto de sua vida? Estas são algumas das questões abordadas no trabalho de campo feito pelo sociólogo Marcelo Eduardo P. Castellanos.

"Crianças afetadas por doenças crônicas ocasionam uma transformação no cotidiano familiar. Os médicos possuem uma perspectiva da questão clínica. A Sociologia da Saúde, no entanto, procura analisar os pensamentos, sentimentos e ações que envolvem a situação", argumenta o sociólogo que defendeu tese de doutorado na Faculdade de Ciências Médicas (FCM).

Castellanos foi orientado pelo professor Everardo Duarte Nunes e tomou como base do estudo dez casos de crianças com asma e outras dez com fibrose cística, na faixa etária entre 5 e 12 anos, que recebem atendimento no Ambulatório de Pediatria do Hospital das Clínicas da Unicamp. Entrevistou não só os pacientes, como os pais e, em alguns casos, os irmãos e professores dessas crianças, em busca de diferentes percepções a respeito da doença nas suas vidas. A maior parte das entrevistas foi realizada na própria casa dos pacientes para que a narrativa dos entrevistados não fosse constrangida pelo ambiente hospitalar e também para propiciar um maior contato com a realidade familiar.

Em suas análises, Castellanos percebeu que as crianças geralmente não se sentem doentes. "E-

O sociólogo Marcelo Eduardo P. Castellanos: mudanças no cotidiano

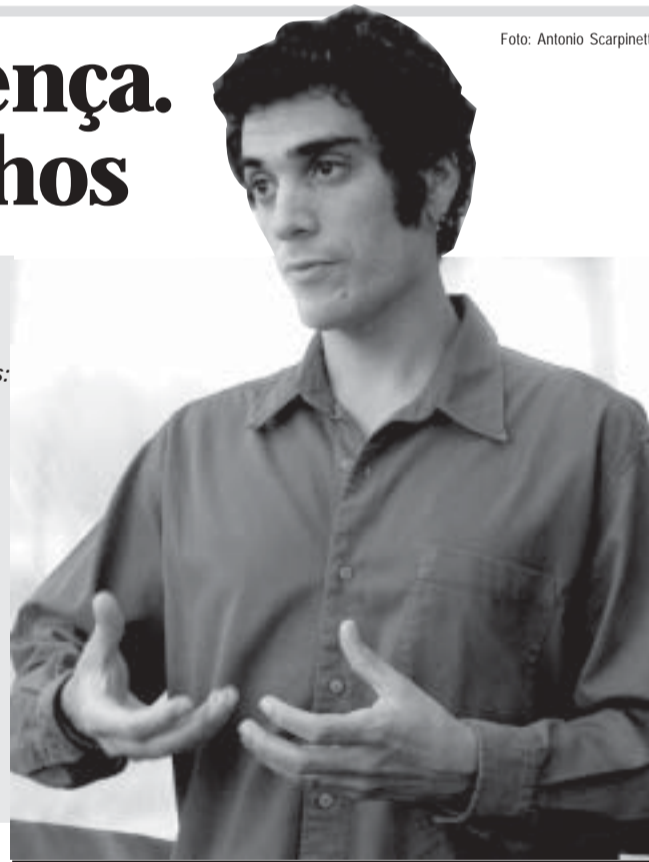


Foto: Antonio Scarpinetti

las se dão conta do problema durante as crises e no acompanhamento assistencial, que deve ser constante. Ressentem-se por ter que faltar às aulas e dos limites impostos pela enfermidade. Mas, não vêem a doença como um peso, algo negativo", observa.

Para os pais, no entanto, a percepção é diferente. A doença, segundo o sociólogo, ganha um peso bem maior. Muitos tentam explicações que não se apóiam apenas na perspectiva biomédica. "Os pais compreendem os fatores científicos, mas procuram em suas trajetórias de vida a explicação para o problema. Alguns até recorrem à origem espiritual do problema. Entendem que é uma missão que precisam cumprir", esclarece.

A fase anterior ao diagnóstico, especialmente nos casos de fibrose cística, pode representar um verdadeiro calvário, segundo o sociólogo. Chegar ao diagnóstico é uma

tarefa difícil e exige uma elevada quantidade de exames clínicos. Muitas vezes, os profissionais de saúde não estão devidamente preparados para detectar o problema de forma precoce.

"Diante das várias interpretações e cobranças feitas pelos profissionais de saúde, familiares e amigos, os pais ficam tão fragilizados que, por vezes, chegam a receber o diagnóstico como um alívio, mesmo sabendo que se trata de doença incurável e que pode levar à morte", conta Castellanos.

Uma surpresa para o sociólogo foi perceber a capacidade das famílias em reconstruir e reorganizar os projetos de vida em razão da doença. "É como se reelaborassem o projeto de felicidade, vencendo os desafios", observa. Em nenhum caso ficou constatada falta de cuidado ou abandono. Porém, as análises evidenciaram diferentes maneiras de vivenciar o problema.